

---

## Recuperando Marx:

Notas em torno de algumas  
considerações de Peter Manicas

---

**Paulo Fernando Rocha Antunes\***

*Sie werden mich vielleicht auf die Pariser Kommune verweisen; aber abgesehen davon, daß dies bloß Erhebung einer Stadt unter ausnahmsweisen Bedingungen war, war die Majorität der Kommune keineswegs sozial]istisch, konnte es auch nicht sein. Mit geringem Quantum common sense hätte sie jedoch einen der ganzen Volksmasse nützlichen Kompromiß mit Versailles – das allein damals Erreichbare – erreichen können. Die Appropriation der Banque de France allein hätte der Versailler Großtuerei ein Ende mit Schrecken gemacht, etc. etc.*

MARX, 1881

*I will simply add that the American, John Dewey, is a bit more artful than these other pragmatists [James, etc.], but that there is no fundamental difference between him and the others.*

THALHEIMER, 1927

O presente artigo procura, como o título anuncia, uma “recuperação” de Karl Marx (1818-1883), ainda que de carácter provisório e circunscrito. Esta “recuperação” não se deve a alguma malfeitoria perpetrada contra o filósofo alemão que merecesse alguma precipitada e acudida “defesa da honra” (para isso, outras tantas há num e noutro sentido).

Antes, o artigo trata de uma “recuperação”, como as “notas” que o intitulam denunciam, em torno de algumas considerações de Peter Manicas (1934-) aventadas no seu artigo – “Philosophy and Politics: A Historical Approach to Marx and Dewey” – publicado primeiramente em 1988 (sob a responsabilidade editorial de William Gavin),

---

\* Doutorando em Filosofia Política Contemporânea pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL) integrado no Grupo de trabalho PRAXIS, membro do Núcleo de Estudos Políticos da Universidade de Lisboa (nepUL) e do Grupo de Estudos Marxistas (GEM).

mas recuperado vinte anos mais tarde para uma das suas mais recentes obras – *Rescuing Dewey: Essays in Pragmatic Naturalism*, respetivamente publicado em 2008 <sup>1</sup>.

Furtando a expressão ao subcapítulo do autor – “Recovering Marx”, a partir do qual partiu com vista a proceder a uma “combinação” de Marx e John Dewey (1859-1952) – <sup>2</sup>, constitui-se o presente mote, porquanto existem aspetos nas considerações manicasianas que se entende dever distinguir e clarificar devidamente. Não apenas porque o autor em causa faz uma interpretação de Marx distinta de outras, mas fundamentalmente por via de algumas particularidades da sua proposta. Na verdade, talvez o artigo merecesse um mais acertado título, por exemplo, “re-recuperação de Marx” <sup>3</sup>.

Para o efeito, abordar-se-ão os textos em que Manicas buscou respaldo, embora não se possa deixar de buscar apoio num ou noutra texto complementar tanto de Marx como de Dewey. Será tratado com maior detalhe *The Civil War in France* (1871) de Marx, primeiramente publicado como folheto, uma vez que é neste em que Manicas mais se baseia, ainda que se debruce noutros textos alusivos ao mesmo tema a partir da compilação – *On the Paris Commune* (1971), onde o texto também consta. Quanto a

---

<sup>1</sup> Manicas é Professor emérito de Filosofia em Queens College, Nova Iorque, e Professor de Sociologia na Universidade do Havai. Para mais informações acerca do autor consulte-se o seu *sítio* na internet: <http://www2.hawaii.edu/~manicas/Personal.htm>.

<sup>2</sup> Chama-se a atenção de que uma semelhante “combinação” não é original, ainda que sigam por diversos caminhos. Lembremos algumas tentativas menos conhecidas a despeito de outras consagradas, por exemplo, em Corliss Lamont, num texto panfletário, procurando buscar a colaboração de Dewey para as causas “progressistas”: «Quando chegamos à teoria do conhecimento do Dr. Dewey, encontra-se a sua diferença nos detalhes mais técnicos do Comunismo, mas no recurso geral do método científico e na sua ênfase da qualidade dinâmica da mente [*dynamic quality of mind*] ele está próximo da perspectiva de Marx, Engels e Lênine» - «When we come to Dr. Dewey’s theory of knowledge, we find that he differs on the more technical details from Communism, but that in his general reliance on scientific method and his emphasis on the dynamic quality of mind he is close to the viewpoint of Marx, Engels and Lenin» (1936, p. 22); em Norman Livergood que refere que «em comparação com a epistemologia do Marxismo e a do Pragmatismo devemos ter em conta John Dewey como representante do Pragmatismo. A conceção de conhecimento e verdade [*conception of knowledge and truth*] de Marx tem mais em comum, certamente, com Dewey do que com James» - «In comparing the epistemology of Marxism and Pragmatism we shall take John Dewey as the representative of Pragmatism. Marx’s conception of knowledge and truth have more in common, certainly, with Dewey than with James» (1967, p. 23); e, para nos ficarmos apenas por aqui, em Charles Tolman e Brad Piekkola que referem: «A própria posição [do naturalismo de Dewey], quaisquer dificuldades que possa ter, é fundamentalmente materialista e dialética [*fundamentally materialist and dialectical*]» - «The position itself [Dewey’s naturalism], whatever other difficulties it may contain, is fundamentally materialist and dialectical» (1989).

<sup>3</sup> Lembramos outros sentidos de uma “recuperação” de Marx com os quais não temos de concordar plenamente, porém, servimo-nos aqui dos mesmos para circunscrever sucintamente um esforço aparentemente semelhante, por exemplo: em Tom Rockmore, num de seus subcapítulos – “On Recovering Marx” (2002, p.xiv, p. 183) – realçando a influência hegeliana em Marx; em Brian Leiter (2004) pretendendo recuperar um famoso “trio” – *Marx, Nietzsche, e Freud* –; em Paul Paolucci (2007) que denominava o seu oitavo e último capítulo precisamente de “Recovering Marx”; em diálogo travado em torno de Henryk Grossman (1881-1950) por Rick Kuhn (2006) e Nick Potts (2009); e, por fim, em Joseph Sawan (2011), incidindo num caso particular, na “teoria da alienação”.

Dewey, Manicas remete-nos principalmente para as suas obras: *Individualism, Old and New* (1930) e *Liberalism and Social Action* (1935).

### **Manicas: para uma “recuperação” de Marx**

Manicas recupera para a discussão anunciada o folheto de Marx acerca da Guerra Civil francesa publicado em Londres em meados de junho de 1871. Marx escreveu-o quando a Comuna ainda latejava nas mentes coetâneas <sup>4</sup>. A partir das considerações em torno deste “folheto” o autor prepara a sua “recuperação” de Marx, anunciada nos seguintes propósitos:

Marx tinha algumas ideias claras e definidas sobre democracia, ideias que permanecem por realizar [*unrealized*], mas não podem ser descartadas como utópicas ou como extravagâncias juvenis ou como subterfúgio cínico. Marx declarou reiteradamente que a democracia participativa [*participatory democracy*] era o objetivo da transformação revolucionária, aquilo que chamamos democracia moderna, embora uma forma de política alienada, seria genuinamente progressiva, e, finalmente – e mais criticamente – de que não podia haver separação dos meios revolucionários [*revolutionary means*] dos fins revolucionários [*revolutionary ends*] (MANICAS, 2008, p. 212 <sup>5</sup>).

Para o autor o principal objetivo de Marx seria a “democracia”, necessariamente em âmbito “participativo”, por isso, considera que o problema que Marx procurava resolver era essencialmente político, não descurando totalmente a economia, mas secundarizando-a. Manicas avança:

[...] o problema para Marx é em primeiro e último político, do que tem de ser feito e acontecer se as pessoas estão a ganhar o controlo das circunstâncias – agora alienadas – que estruturam as suas vidas. Este problema não era para ser resolvido “economicamente” [*economistically*] ou pelo aperfeiçoamento dos instrumentos do Estado democrático (MANICAS, 2008, p. 214 <sup>6</sup>).

Não está em causa de que as teses de Marx não se tratavam de um “economicismo”, isto é, de uma redução da diversidade das relações sociais a uma base exclusivamente económica. Antes, está em causa a consideração de Manicas quanto ao

---

<sup>4</sup> Recorda-se que a Comuna de Paris foi a primeira experiência de governação da classe trabalhadora, teve o seu início aquando da insurreição de 18 de março de 1871 e o seu governo oficial durou de 26 de março a 28 de maio desse mesmo ano, durando pouco mais do que dois meses até ao seu esmagamento (cf. MERRIMAN, 2014).

<sup>5</sup> «Marx had some clear and definite ideas about democracy, ideas which remain unrealized, but which cannot be dismissed as utopian or as youthful extravagances or cynical subterfuge. Marx consistently held that participatory democracy was the goal of revolutionary transformation, that what we call modern democracy, though a form of alienated politics, was genuinely progressive, and finally – and most critically – that there could be no separation of revolutionary means from revolutionary ends».

<sup>6</sup> «[...] the problem for Marx is first and last political, of what has to be done and to happen if people are to gain control of the circumstances – now alienated – which structure their lives. This problem was not to be solved “economically” or by perfecting the instrumentalities of the democratic state».

objetivo de Marx, colocando o “problema” em “primeiro e último” na política. O que pode querer significar que quanto mais “democratizadas” se tornassem as circunstâncias, melhor qualificados estariam os indivíduos para controlá-las (o que levantaria a questão: como é que as circunstâncias se democratizavam, com ou sem a economia?).

Por conseguinte, o autor defende uma secundarização da economia aludindo às teses de Marx sobre a Comuna de Paris:

O problema não era que aos *communards* faltasse consciência revolucionária, pois eles certamente sabiam como morrer nas barricadas, nem era um problema económico, tendo em conta a sua incapacidade na fase existente de desenvolvimento económico para vencer a escassez, mas que uma cidadania alienada [*alienated citizenry*] não estava em posição para reabsorver os seus poderes sociais alienados [*alienated social powers*]. Eles ainda estavam isolados, pessoas “privadas” que, como ainda não completamente interdependentes, não poderiam organizar-se de modo a realizar plenamente os poderes que tinham (MANICAS, 2008, p. 216<sup>7</sup>).

Segundo o exposto, competia aos *communards* organizar-se politicamente, puxar a si os seus direitos, as melhores condições políticas, para levar a cabo os exigentes objetivos que a Comuna se colocara. No fundamental, os indivíduos deviam tornar seus os “poderes sociais alienados” com vista a uma maior participação democrática, socializar-se em vez de permanecerem nos recônditos do privado.

Para Manicas, a chamada “democracia burguesa” poderia ser abrangida pela “democracia” em sentido amplo em Marx, uma vez que nela se gozaria de uma certa liberdade política generalizada. Com vista a esclarecer este ponto o autor adianta:

Precisamos enfatizar aqui que a rejeição da democracia burguesa não envolve a rejeição das suas mais patentes características críticas democráticas [*critical democratic features*]: eleições livres, comunicação livre, etc. Marx nunca questionou a sua indispensabilidade. A sua crítica, como Dewey, era a de que a democracia requeria algo mais, não algo menos. Para Marx, tal significava uma forma de participação real [*real participation*], consistente com o governo (MANICAS, 2008, p. 218<sup>8</sup>).

---

<sup>7</sup> «The problem was not that the Communards lacked revolutionary consciousness, for they surely knew how to die on the barricades, nor was the problem economic, regarding their incapacity at the existing stage of economic development to conquer scarcity, but that an alienated citizenry was in no position to reabsorb their alienated social powers. They were still isolated, “private” persons who, as not yet thoroughly interdependent, could not organize themselves so as to realize fully the powers that they had».

<sup>8</sup> «We need to emphasize here that the rejection of bourgeois democracy did not involve the rejection of its patently most critical democratic features: free elections, free communication, etc. Marx never questioned their indispensability. His criticism, like Dewey’s, was that democracy required something more, not something less. For Marx, it meant a form of real participation consistent with government».

Marx rejeitava a “democracia burguesa”, todavia, tal não significava que a sua proposta de democracia não envolvesse alguns pontos semelhantes com aquela, mas, com algo mais: “participação real”.

Nas palavras de Manicas, pode ser encontrada, de certa maneira, uma ideia de “democracia como fim em si”, quer dizer, os “meios” revolucionários não almejavam mais do que um “fim” ao qual estivessem ligados. Por isso, se a “democracia participativa” podia indicar o “fim”, os “meios” para o efeito não poderiam ser menos “democráticos”, assim sendo, os “meios” passariam por uma transformação “democrática”, mais precisamente “gradual”, daquilo que estava dado.

No âmbito destas considerações, aventadas por Manicas, torna-se consistente a ideia de um “gradualismo”. Deste modo, o autor considera que Marx poderia trabalhar muito bem com as “democracias liberais”, trabalhando-as “gradualmente” até ao nível pretendido para uma outra democracia. Desde que se tenham sempre em conta as devidas ressalvas:

Pode-se duvidar que a política de Marx era gradualista [*gradualist*]. Mas uma política gradualista não é necessariamente “reformista” nem é necessariamente antirrevolucionária. É uma política que visa compreender o que é ao tempo realizável [*realizable*]. [...] ele [Marx] estava sempre perfeitamente preparado para trabalhar dentro do Estado – se fosse um Estado democrático liberal [*liberal democratic state*] (MANICAS, 2008, p. 219<sup>9</sup>).

Manicas atribui a Marx a perspetiva de uma prática daquilo que dentro da realidade (supostamente dada) pudesse assomar como “realizável”. Portanto, decorria que dentro de uma chamada “democracia liberal” poderia haver possibilidade de “realizar gradualmente” uma *democracia* mais *participativa*, a chamada “participação real”.

Com tudo isto, o autor é levado a considerar, com base nas teses acerca da Comuna de Paris, uma carta que Marx escreveu a Ferdinand Domela-Nieuwenhuis (1846-1919)<sup>10</sup>. Manicas destaca o que considera um “compromisso” entre partes (classes) antagónicas no sentido de fazer avançar *politicamente* a sociedade:

---

<sup>9</sup> «It may be doubted that Marx’s politics were gradualist. But a gradualist politics is not necessarily “reformist” nor is it necessarily antirevolutionary. It is a politics that seeks to realize what is at the time realizable. [...] he was always perfectly prepared to work within the state – if it was a liberal democratic state».

<sup>10</sup> Carta (da qual se encontra um excerto como epígrafe) de Marx a Domela-Nieuwenhuis a 22 de fevereiro de 1881 em resposta à possibilidade da constituição de uma nova Associação Internacional dos Trabalhadores após o desaparecimento da “primeira” (1864-1876) e os já maturados acontecimentos da Comuna de Paris.

A conclusão de Marx, de que tivesse a Comuna mostrado “um mínimo de bom senso” [*a modicum of commonsense*], teria tentado alcançar “um compromisso com Versalhes”, reforça poderosamente uma série de provas de que a política de Marx era gradualista. Isto significa, neste contexto, que o melhor que se poderia esperar, nestas circunstâncias, era o melhor compromisso possível consistente com a continuação da existência do Estado francês. Supor que os communards poderiam ter traçado e realizado o futuro [*mapped out and realized the future*] é o pior tipo de pensamento utópico (grifo nosso, MANICAS, 2008, p. 219 <sup>11</sup>).

O que supostamente provaria que Marx almejava para os *communards* a melhor negociação política com os “versalheses” que se lhes opunham, o que também pressuporia a “continuação” do Estado francês tal como o tinham herdado, embora certamente com algumas alterações por eles sugeridas.

Na esteira manicasiana, Marx é apontado como defensor de um “primado da política”, pois sobraria pouco espaço para mais do que uma demanda pela “democracia política” (talvez fosse esta a “democracia moderna” e o caminho para a democratização das circunstâncias).

De um “primado da política”, porventura poderá ser dito, destaca-se a ideia de uma “democracia como fim em si”, consistente com um determinado “gradualismo” do próprio espaço político dos indivíduos que procurariam lograr maior espaço decisório, menor “alienação” política, etc. Mas também se pode destacar a secundarização do desenvolvimento económico no âmbito dos objetivos (“fins”) e parte (“meios”) no “problema”.

### **Dewey: para uma “combinação”**

As considerações de Manicas, até agora expostas, preparavam uma “recuperação” de Marx em âmbito “combinatório” com as teses de Dewey: «Nós precisamos, isto é, de combinar [*combine*] o melhor de Marx e Dewey» (MANICAS, 2008, p. 232 <sup>12</sup>).

Assim, o autor ao considerar Marx enquanto defensor de um “primado da política” quer seja por uma “democracia como fim em si”, em sentido “gradualista”, quer seja pela secundarização da economia, ficava mais perto de conseguir a sua almejada “combinação”.

---

<sup>11</sup> «Marx’s conclusion, that had the Commune shown “a modicum of commonsense,” it would have tried to reach “a compromise with Versailles,” powerfully reinforces a host of evidence that Marx’s politics were gradualist. This means, in this context, that the best that one could have hoped for, in these circumstances, was the best possible compromise consistent with the continuing existence of the French State. To suppose that the Communards could have mapped out and realized the future is the worst kind of utopian thinking».

<sup>12</sup> «We need, that is, to combine the best in Marx and Dewey».

Veja-se, Manicas destacava em Dewey a rejeição da “luta de classes”, por um lado, esta seria o “culminar da violência”; por outro lado, seria uma “guerra aberta”. E mesmo que os governos usassem a violência para manter o *status quo*, Dewey continuava a posicionar-se contra a “luta de classes”, o que, segundo Manicas, seria uma “visão adequada e instrumentalista” da violência (cf. MANICAS, 2008, pp. 225-226).

Manicas ao pôr de parte a “luta de classes”, no encalce deweyano, como uma espécie de “belicismo” desnecessário e ultrapassado, faz sobressair o seguinte:

[...] para Dewey, “os trabalhadores” [*the workers*] não seriam agentes da mudança social. Não que não houvesse opressão e desigualdade na América, que os trabalhadores não fossem explorados, nem que eles estivessem felizes com a sua sorte. [...] Dewey escreveu, mas não foi porque eles estivessem sufocados por “gritos de entusiasmo pelas oportunidades aventureiras”. Pelo contrário, “os murmúrios de descontentamento são sufocados” pelos “murmúrios de oportunidades perdidas, juntamente com o barulho de máquinas, veículos automóveis e bares clandestinos” [...], brilhante análise de Dewey do individualismo na América. Não foi a carne assada [*roast beef*], mas as “necessidades repressivas” [*repressive needs*], a “normalização” [*normalization*] e a “atomização” [*atomization*] a desintegrar a consciência de classe [*class-consciousness*] (MANICAS, 2008, p. 226<sup>13</sup>).

Quer dizer, a “consciência de classe” teria sido “desintegrada”, em particular nos E.U.A., por causa do “individualismo” e das características atinentes a uma “democracia liberal”:

Como argumentei, Marx sabia que a luta ia ser longa e difícil, mas ele não poderia ter antecipado a flexibilidade fantástica [*fantastic flexibility*] do capitalismo nas democracias liberais e, especialmente, na América, os efeitos fragmentadores de raça e de etnia. Na América, então, “trabalhadores” tinha-se tornado uma categoria politicamente inútil [*politically useless category*]. Mas se é assim, então, a “luta de classes” [*class struggle*] foi, no seu pior, um lema [*slogan*] para assegurar os fiéis ou, no seu melhor, uma abstração a um nível diferente de análise (MANICAS, 2008, p. 226<sup>14</sup>).

<sup>13</sup> «[...] for Dewey, “the workers” were not to be agents of social change. It was not that there was no oppression and inequality in America, that workers were not exploited, nor that they were happy with their lot. [...] Dewey wrote, but that was not because they were drowned out by “shouts of eagerness for adventurous opportunity”. Rather, “the murmurs of discontent are drowned” by “the murmurs of lost opportunities, along with the din of machinery, motor cars and speakeasies” [...] Dewey’s brilliant analysis of America individualism. It was not roast beef, but “repressive needs”, “normalization”, and “atomization” which had disintegrated class-consciousness».

<sup>14</sup> «As I argued, Marx knew that the struggle would be long and hard, but he could not have anticipated the fantastic flexibility of capitalism in the liberal democracies, and especially in America, the fragmenting effects of race and ethnicity. In America, then, “workers” had become a politically useless category. But if so, then, “class struggle” was, at its worse, a slogan for assuring the faithful or, at its best, an abstraction at a different level of analysis».

A “luta de classes”, bem como os “trabalhadores”, tornavam-se “categorias políticas inúteis”, “lemas” de tipo fideístas com vista a conglomerar o que, como por “natureza” das coisas, estava separado, “atomizado”.

Não haveria qualquer espaço para criar unidade entre os trabalhadores, pelo menos no que à própria economia dizia respeito, uma vez que esta teria sido de certa forma suplantada pela “fantástica flexibilidade” das políticas demoliberais. Neste sentido, podemos encontrar em Dewey, na sua obra *Individualism, Old and New*, passagens como esta:

Ouvimos bastante sobre os últimos anos da consciência de classe. A expressão “consciência nacional” [*nation-conscious*] não é corrente, mas o atual nacionalismo é de facto uma expressão exacerbada dela. Uma manifestação ainda mais recente pode ser chamada de “consciência de cultura” [*culture-consciousness*] ou “consciência de civilização” [*civilization-consciousness*]. Como a consciência de classe e a do nacionalismo, ela assume uma forma injusta; é um expoente – e um coeficiente – de conflito entre grupos. A guerra e as suas consequências podem não ter produzido no nosso próprio país uma consciência de “Americanismo” como um modo distintivo de civilização, mas teve definitivamente esse efeito entre a elite intelectual da Europa (DEWEY, 2008a, p. 50 <sup>15</sup>).

Dewey voltará a dizer algo muito semelhante em *Liberalism and Social Action*:

O otimismo vitoriano [*victorian optimism*] escondeu por um tempo a crise em que o liberalismo [velho] tinha chegado. Mas quando esse otimismo desapareceu no meio do conflito de nações, classes e raças características da última parte do século XIX – um conflito que tem crescido mais intenso com o passar dos anos – a crise já não podia ser encoberta (DEWEY, 2008b, p. 23 <sup>16</sup>).

Para além de Dewey estabelecer uma analogia entre a “consciência de classe” e o “nacionalismo” e, em última instância, as “raças”, por via de uma espécie de “consciência de conflito”, a “consciência de classe” volta a ser posta de parte, agora em detrimento de uma “consciência de cultura” ou “civilização”. Restaria saber que tipo de “cultura” e/ou “civilização” se tratava para gerar uma tal “consciência”, uma

---

<sup>15</sup> «We have heard a good deal of late years of class-consciousness. The phrase “nation-conscious” does not happen to be current, but present-day nationalism is an exacerbated expression of it in fact. A still more recent manifestation might be called “culture-consciousness” or “civilization-consciousness”. Like class-consciousness and nationalism, it assumes an invidious form; it is an exponent – and a coefficient – of conflict between groups. The war and its consequences may not have produced in our own country a consciousness of “Americanism” as a distinctive mode of civilization but they have definitely had that effect among the intellectual elite of Europe».

<sup>16</sup> «Victorian optimism concealed for a time the crisis at which liberalism had arrived. But when that optimism vanished amid the conflict of nations, classes and races characteristic of the latter part of the nineteenth century – a conflict that has grown more intense with the passing years – the crisis could no longer be covered up».

“consciência” que de certa maneira enfermava o liberalismo, e por isso havia de se procurar conceber um “novo” liberalismo (cf. DEWEY, 2008a, p. 77 ss)..

Assim, quanto à “cultura” Dewey vai referir que «o nosso materialismo [*materialism*], a nossa devoção em fazer dinheiro e em passar um bom tempo não são coisas por si mesmas [*things by themselves*]. Elas são o produto do facto de que vivemos numa cultura do dinheiro [*money culture*] [...]» (DEWEY, 2008a, p. 55 <sup>17</sup>).

É aqui que reside o “defeito fundamental” da civilização para Dewey, e é apenas desta forma que parece assomar qualquer influência da economia nas relações humanas: como estando imersas dentro de uma “cultura do dinheiro”. E é também este “liberalismo” votado a um “individualismo” exacerbado, que procura para si a maior acumulação de ganhos privados, que deve ser definitivamente ultrapassado.

O “novo” liberalismo não pode assentar em “fundamentos” de alguma maneira transversais (ou anteriores) aos indivíduos, deve, ao invés, partir de uma confluência política entre indivíduos que procurem viver melhor uns com os outros e tirar o melhor proveito das suas relações, sem ser ao tirar proveito uns contra os outros.

É, precisamente, nesta confluência “desfundamentada” entre indivíduos onde Manicas julga encontrar a vantagem de Dewey sobre Marx, mais rigorosamente em relação aos “epígonos” deste:

Quaisquer que sejam os seus pontos cegos, Dewey foi um político que não precisou de fundamentos [*foundations*]. Enquanto os marxistas encontram um fundamento para a política numa filosofia escatológica da história [*eschatological philosophy of history*], argumentei que isto é muito menos claro no que se refere a Marx. Mas, mesmo podendo ser, o que é necessário agora, parece-me, será renovar as possibilidades de uma política democrática que reconheça as intuições [*insights*] de Marx, mas que dispa [*strips*] o marxismo da ideia de que a história está do lado da emancipação. Nós precisamos, isto é, de combinar o melhor de Marx e Dewey (grifo nosso, MANICAS, 2008, p. 232 <sup>18</sup>).

“Despindo” Marx de uma ideia de história como desenvolvimento emancipatório, como Manicas pretende, “despe-se” Marx daquilo que será o desenvolvimento económico e dos avanços que os diferentes estádios económicos

---

<sup>17</sup> «Our materialism, our devotion to money making and to having a good time are not things by themselves. They are the product of the fact that we live in money culture [...]».

<sup>18</sup> Whatever his blind spots, Dewey’s was a politics that needed no foundations. While Marxists did find a foundation for politics in an eschatological philosophy of history, I have argued that this is much less clear as regards Marx. But, however that may be, what is now needed, it seems to me, is to renew the possibilities of democratic politics which acknowledges the insights of Marx but yet strips Marxism of the idea that history is on the side of emancipation. We need, that is, to combine the best in Marx and Dewey».

sempre acrescentaram à humanidade. Seguramente, não porque Marx não os considere, mas talvez, por Manicas defender um “primado da política”.

Tenha-se, por isso, em conta que o autor destaca uma “intuição” que melhor sirva a ideia de “democracia como fim em si”, de “gradualismo” e de secundarização da economia quanto à “combinação” de Marx e Dewey. Se a “luta de classes” não tem qualquer “fundamento”, se a sua “consciência” se põe de parte em detrimento de “nacionalismos” e “individualismos”, resta às classes (se ainda existirem) proceder ao “realizável” nas circunstâncias dadas e comprometer-se umas com as outras.

Marx é reconduzido a uma “compreensão do que está a acontecer” (seguramente não mais do que a referida e aparente “cultura do dinheiro”, para não falar do abandono da *transformação revolucionária*), mesmo que para Manicas *o que esteja a acontecer* já não remeta para a “luta de classes” ou sequer *esteja a acontecer* aos “trabalhadores”; e, assim, Dewey determinará o tipo de âmbito público “realizável”:

A resposta de Dewey pode seguir da seguinte maneira: tente, ao tirar proveito de qualquer oportunidade que se apresente, trazer o público à existência [*bring into existence publics*]; tente dar experiência direta e qualidade educativa, informando-o; tente criar a partir das nossas relações atomizadas comunidades incipientes [*incipient communities*] que podem ser promovidas e ampliadas, e tente fazê-lo através da identificação de bens comuns [*common goods*] que podem chamar o apoio e a participação ativa. [...] armado com uma compreensão marxista do que nos está a acontecer e o porquê, pode ser possível aproveitar as oportunidades e tentar, como Dewey sugeriu, construir algum público democrático incipiente, mas progressivamente em crescimento (MANICAS, 2008, p. 232<sup>19</sup>).

Deste modo, Marx aparece “recuperado”, “despido” da “luta de classes”, primeiramente político e “combinado” com Dewey na construção de uma “incipiente e progressiva democracia”.

### **Marx: para um “sentido revolucionário”**

Deve-se agora buscar diretamente as teses de Marx acerca da Comuna de Paris e confrontá-las com o que até agora foi exposto. Visto que é sobremaneira conhecido o seu sentido revolucionário, aliás, eventualmente não descurado por Manicas, porém, assumindo-o consistente com um determinado sentido “gradualista”.

Veja-se, Marx anunciava:

---

<sup>19</sup> «Dewey’s answer might go as follows: Try, by taking advantage of any opportunity that presents itself, to bring into existence publics; try to give direct experience and educative quality by informing it; try to create from our atomized relations incipient communities which can be fostered and enlarged, and try to do this by identifying common goods which can call for active support and participation. [...] armed with a Marxist understanding of what is happening to us and why, it may be possible to take advantage of opportunities and to try, as Dewey offered, to build some incipient but progressively growing democratic publics».

A Comuna, exclamam, pretende abolir a propriedade, a base de toda a civilização! Sim, cavalheiros, a Comuna pretendia abolir essa propriedade de classe que faz do trabalho de muitos a riqueza de poucos. Ela visava a expropriação dos expropriadores [*expropriation of the expropriators*]. Queria fazer da propriedade individual uma verdade, transformando os meios de produção [*means of production*], a terra e o capital, hoje essencialmente meios de escravização e de exploração do trabalho, em simples instrumentos de trabalho livre e associado. Mas isso é comunismo, o “impossível” comunismo! (MARX, 1980, p. 75 <sup>20</sup>).

Sem grande margem para dúvida, para Marx, os acontecimentos da Comuna de Paris conduziram uma revolução. A Comuna pretendia abolir o tipo de propriedade que é responsável pela expropriação e exploração de uma classe por outra – a propriedade privada dos meios de produção. Tal conduta visava conduzir ao comunismo (dito “impossível”, mas também se pode dizer, mais propriamente, dentro das considerações de que já se pôde expor e dar conta, “não-realizável”). O que dificilmente se coaduna com a ideia de uma “democracia como fim em si”, isto é, que não almejasse mais do que consagrar direitos políticos.

Será que as teses de Marx ainda poderiam ser consistentes com algum “gradualismo”, principalmente no que se refere à transição do último império bonapartista para um Estado de tipo *comunal*? Provavelmente não poderiam. Observe-se o que assera Marx ao longo do seu conhecido “folheto”:

[...] a classe operária não pode simplesmente apossar-se da máquina do Estado [*state machinery*] tal como ela se apresenta e dela servir-se para os seus próprios fins. O poder de Estado centralizado, com os seus órgãos ubíquos, com o seu exército, polícia, burocracia, clero e magistratura permanentes – órgãos traçados segundo um plano de divisão sistemática e hierárquica do trabalho –, tem a sua origem nos tempos da monarquia absoluta e serviu à nascente sociedade da classe média como uma arma poderosa na sua luta contra o feudalismo. No entanto, o seu desenvolvimento permaneceu obstruído por todo o tipo de restos medievais, por direitos senhoriais, privilégios locais, monopólios municipais e corporativos e códigos provinciais. A gigantesca vassoura [*gigantic broom*] da Revolução Francesa do século XVIII varreu todas essas relíquias de tempos passados, assim limpando ao mesmo tempo o solo social dos últimos estorvos que se erguiam ante a superestrutura [*superstructure*] do edifício do Estado moderno erigido sob o Primeiro Império, ele mesmo descendente das guerras de

---

<sup>20</sup> «The Commune, they exclaim, intends to abolish property, the basis of all civilisation! Yes, gentlemen, the Commune intended to abolish that class-property which makes the labour of the many the wealth of the few. It aimed at the expropriation of the expropriators. It wanted to make individual property a truth by transforming the means of production, land and capital, now chiefly the means of enslaving and exploiting labour, into mere instruments of free and associated labour. But this is Communism, “impossible” Communism!». Todas as traduções dos textos de Marx e Engels consistem em adaptações de traduções em português ou inglês constantes em Referências bibliográficas (salvo algumas exceções devidamente assinaladas em respetiva nota de rodapé), ao contrário das traduções de outros autores, as quais são ou foram sempre da nossa direta autoria.

coalizão da velha Europa semifeudal contra a França moderna (MARX, 1980, pp. 68-69<sup>21</sup>).

Quer dizer, segundo Marx, à classe trabalhadora não competiria qualquer “reforma” do Estado vigente, entenda-se, qualquer “gradualismo”. Uma vez conquistado o poder, competiria aos trabalhadores *superar* a sua “centralização”, a sua “burocracia”, os seus “órgãos”, etc., visto que o Estado serviria os interesses de opressão de uma classe sobre outra e estava assente, bem como a refletia, na “divisão do trabalho” onde a exploração sempre se expressava<sup>22</sup>. Diz o autor:

[...] o poder do Estado assumiu-se cada vez mais como o caráter de poder nacional do capital sobre o trabalho [*character of the national power of capital over labour*], de uma força pública organizada para a escravização social, de um mecanismo do despotismo de classe [*class despotism*] (MARX, 1980, p. 69<sup>23</sup>).

Como dirá Marx numa carta a Ludwig Kugelmann a 12 abril de 1871, em plena Comuna:

Se olhares para o último capítulo do meu “O 18 de Brumário”, constatarás que considero que a próxima tentativa da Revolução Francesa consistirá não mais em transferir a maquinaria burocrático-militar de uma mão para outra, como foi feito até então, mas sim em *quebrá-la* [*zerbrechen*], e que esta é a condição de toda a revolução popular efetiva no continente (MARX, 1976a, p. 205<sup>24</sup>).

Se se atender ao apelo que é feito para se “quebrar” a maquinaria burocrático-militar (mecanismo do despotismo de classe) dificilmente pode ser encontrada alguma “intuição” de sentido “gradualista” em Marx, mormente se nos concentrarmos no

<sup>21</sup> «[...] the working class cannot simply lay hold of the readymade state machinery, and wield it for its own purposes. The centralised State power, with its ubiquitous organs of standing army, police, bureaucracy, clergy, and judicature – organs wrought after the plan of a systematic and hierarchic division of labour, originates from the days of absolute monarchy, serving nascent middle-class society as a mighty weapon in its struggles against feudalism. Still, Its development remained clogged by all manner of mediaeval rubbish, seigniorial rights, local privileges, municipal and guild monopolies and provincial constitutions. The gigantic broom of the French Revolution of the eighteenth century swept away all these relics of bygone times, thus clearing simultaneously the social soil of its last hindrances to the superstructure of the modern State edifice raised under the First Empire, itself the offspring of the coalition wars of old semi-feudal Europe against modern France».

<sup>22</sup> Veja-se o primeiro capítulo da *Die deutsche Ideologie* (1845) – “Feuerbach. Oposição das Concepções Materialista e Idealista” (MARX-ENGELS, 1978, pp. 17-49) –, ou – *Lohnarbeit und Kapital* (1849) – da exclusiva responsabilidade de Marx (1961, pp. 397-423), para uma mais detalhada perspetiva acerca da “divisão do trabalho” – entre homem e mulher, intelectual e manual, classe dominante e dominada, ser humano e máquina.

<sup>23</sup> «[...] the State power assumed more and more the character of the national power of capital over labour, of a public force organised for social enslavement, of an engine of class despotism».

<sup>24</sup> «Wenn Du das letzte Kapitel meines „Achtzehnten Brumaire“ nachsiehst, wirst Du finden, daß ich als nächsten Versuch der französischen Revolution ausspreche, nicht mehr wie bisher die bürokratisch-militärische Maschinerie aus einer Hand in die andre zu übertragen, sondern sie zu *zerbrechen*, und dies ist die Vorbedingung jeder wirklichen Volksrevolution auf dem Kontinent». Para “O 18 de Brumário”, cf. MARX, 1960, VII, *passim*.

restante das suas teses acerca da Comuna de Paris, pelo próprio Manicas sobejamente aludidas.

No “folheto” tratado talvez se encontrem as mais expressivas reflexões de Marx acerca da “questão do Estado”, ou melhor, da “questão do poder do Estado”, isto é, sobre quem governa, sobre o tipo de poder exercido pela classe dominante <sup>25</sup>. Esta é sem dúvida uma questão a levar em conta no autor alemão, uma vez que não se pode descurar quem governa o Estado, se uma classe ou se outra, se a burguesia ou se o proletariado. O que será determinante para o que se sucede.

Se o Estado se encontra em poder da burguesia procederá necessariamente a uma política condicente com os interesses desta, ao invés, se está em poder do proletariado, procederá a uma política condicente com os interesses deste. Daí que não se possa esquecer que a chamada “democracia burguesa” não deixava de ser uma determinada forma política de organização da sociedade, necessariamente dentro dos padrões de uma sociedade de tipo burguês (capitalista).

Portanto, para Marx a referida destruição do aparelho de Estado não significava pura e simplesmente a supressão de todo o tipo de poder, mas antes, a *superação* (*Aufhebung*) de um Estado que servira os interesses de uma classe exploradora e que para o efeito teria montado toda uma burocracia, bem como um exército, etc., capaz de manter o seu poder. Donde o rompimento, em vez de uma passagem “gradual”, de uma classe com a outra.

Se nas teses de Marx não havia propriamente espaço a um “gradualismo”, segundo parece, pelo menos como o aventado por Manicas, como poderia a Comuna “comprometer-se” com Versalhes? Dificilmente poderia. Veja-se, «aparentando [*semblance*] negociações de paz com Paris, Thiers [líder dos “versalheses”] ganhou tempo para preparar a guerra contra ela.» (MARX, 1980, p. 85 <sup>26</sup>). Ora, quem poderia selar algum compromisso com alguém que estivesse a tentar levar a melhor com “simulações”? Contudo, não se tratava apenas de uma questão de “aparência”:

[Thiers] aficionado por brandir à face da Europa, com os seus braços franzinos, a espada do primeiro Napoleão, de quem ele se tornara o borra-botas histórico, a sua política externa sempre culminou na *absoluta* [*utter*] humilhação da França – desde a convenção de Londres de 1840 até à

<sup>25</sup> Para esta questão também serve a consulta ao tratamento que Engels lhe dá em *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats* (1884), escrito um ano após o falecimento de Marx (cf. ENGELS, 1962, pp. 152-173). No entanto, tal como quanto à “divisão do trabalho”, também quanto à “questão do poder do Estado”, não se encontra o espaço suficiente para aprofundar a sua importância para a reflexão marxista.

<sup>26</sup> «By the semblance of peace-negotiations with Paris, Thiers found the time to prepare for war against it».

capitulação de Paris de 1871 e à atual guerra civil, em que ele lança contra Paris, com especial permissão de Bismarck, os prisioneiros de Sedan e Metz. (MARX, 1980, p. 31 <sup>27</sup>).

Louis Adolphe Thiers (1797-1877) foi inimigo da Comuna desde o primeiro dia, declarou-lhe guerra e comprometeu-se com os alemães que haviam derrotado os próprios franceses na Guerra franco-prussiana (1870-1871). Foram os alemães que permitiram a soltura de soldados franceses com vista a apoiar o esmagamento da Comuna. Era óbvio que todo este ambiente impossibilitava qualquer “compromisso” por parte dos *communards*.

Aquilo que realmente competiria aos revolucionários parisienses seria a destruição de qualquer conspiração contra si – «[...] o Comité Central cometeu [...] um erro decisivo ao não marchar imediatamente sobre Versalhes, então completamente indefesa, pondo assim fim às conspirações de Thiers e dos seus “rurais” [*Rurals*]» (MARX, 1980, pp. 64-65 <sup>28</sup>) –, em vez de um “compromisso” com tais conspiradores. Pois se alguma vez a Comuna o tivesse procurado fazer (principalmente sem alterar as suas *circunstâncias*, “tal como a máquina do Estado se apresentava”...) apenas redundaria em traição ou mais tempo para que Versalhes planeasse um contragolpe.

Como é que se justifica que Marx numa carta, dez anos volvidos, pudesse referir alguma espécie de “compromisso” entre Paris e Versalhes? Porventura, um “compromisso” como aquele considerado por Manicas apenas se justificasse se se descurasse o resto daquilo que Marx escreveu na mesma carta, imediatamente após a passagem em consideração:

Talvez me remetas [Domela-Nieuwenhuis] à Comuna de Paris; mas além do facto de esta ter sido apenas o levantamento de uma cidade em condições excepcionais, a maioria da Comuna não era de modo nenhum socialista, nem poderia ser. Com um mínimo de bom senso [*geringem Quantum common sense*], no entanto, poderia ter chegado a um compromisso com Versalhes útil a toda a massa do povo, a única coisa que poderia ser alcançada na época. *A apropriação do Banco da França sozinha teria sido suficiente para colocar um fim ao terror com alardeio das pessoas de Versalhes, etc., etc.* (*grifo nosso*, MARX, 1967, p. 160 <sup>29</sup>).

<sup>27</sup> «Fond of brandishing, with his dwarfish arms, in the face of Europe the sword of the first Napoleon, whose historical shoe-black he had become, his foreign policy always culminated in the utter humiliation of France, from the London Convention of 1840 to the Paris capitulation of 1871, and the present civil war, where he hounds on the prisoners of Sedan and Metz against Paris by special permission of Bismarck».

<sup>28</sup> «[...] the Central Committee made itself [...] guilty of a decisive mistake in not at once marching upon Versailles, then completely helpless, and thus putting an end to the conspiracies of Thiers and his Rurals».

<sup>29</sup> «Sie werden mich vielleicht auf die Pariser Kommune verweisen; aber abgesehn davon, daß dies bloß Erhebung einer Stadt unter ausnahmsweisen Bedingungen war, war die Majorität der Kommune keineswegs so[zial]istisch, konnte es auch nicht sein. Mit geringem Quantum common sense hätte sie

O que quer dizer que qualquer “compromisso” a concretizar-se teria de ser sempre noutras *circunstâncias* que não aquelas que a própria Comuna tinha criado até então ou aquelas que o Estado “apresentava”. Para isso, a Comuna dever-se-ia ter apropriado do Banco. Apenas num quadro em que tal tivesse acontecido é que os *communards* poderiam avançar para negociações, quiçá compromissos, tendo em suas mãos maior poder negocial e podendo revertê-lo revolucionariamente em favor da classe à qual pertenciam e defendiam, nunca se julgando simplesmente de igual para igual e ainda menos como classes com interesses semelhantes.

Assim, o problema não poderia ser “primeira e ultimamente político”, o problema teria de ser *basilarmente* económico, ainda que não exclusiva e mecanicamente, principalmente no que concerne à questão do governo do Estado. Visto que este reflete o tipo de relações económicas dominantes pelas quais a sociedade civil se organiza. Caso contrário a importância de uma tomada do Banco de França não teria sido avançada por Marx (e Engels) como determinante para o decorrer dos acontecimentos<sup>30</sup>.

### **O malogro de uma “combinação”**

No seguimento de um sentido revolucionário em Marx, torna-se manifesta a dificuldade em “combiná-lo” com Dewey, principalmente quanto a um “primado da política”, quando a superação da propriedade privada dos meios de produção e a apropriação da Banca são avançadas por aquele como essenciais para os propósitos da Comuna e parte determinante na consecução dos seus objetivos.

Por seu turno o “primado da política” fora considerado nas mais diversas ocasiões por Dewey e, por conseguinte, herdado por Manicas. Por exemplo, aquele dizia:

---

jedoch einen der ganzen Volksmasse nützlichen Kompromiß mit Versailles – das allein damals Erreichbare – erreichen können. Die Appropriation der Banque de France allein hätte der Versailler Großtuererei ein Ende mit Schrecken gemacht, etc. etc.».

<sup>30</sup> Como diria Engels, anos mais tarde, em “Introdução” ao mesmo “folheto”: «O mais difícil de entender é, decerto, o respeito sagrado [*heilige Respekt*] com o qual se permaneceu respeitosamente diante das portas do Banco da França. Este foi, também, um terrível erro político. O banco nas mãos da Comuna – isso valia mais do que dez mil reféns. Isso significaria a pressão de toda a burguesia francesa sobre o governo de Versalhes em favor da paz com a Comuna.» - «Am schwersten begreiflich ist allerdings der heilige Respekt, womit man vor den Toren der Bank von Frankreich ehrerbietig stehnblicb. Das war auch ein schwerer politischer Fehler. Die Bank in den Händen der Kommune – das war mehr wert als zehntausend Geiseln. Das bedeutete den Druck der ganzen französischen Bourgeoisie auf die Versailler Regierung im Interesse des Friedens mit der Kommune» (ENGELS, 1977, p. 196).

Os Estados Unidos eram predominantemente agrários. À medida que se tornaram industrializados, a filosofia da liberdade de indivíduos [*philosophy of liberty of individuals*], expressa principalmente na liberdade de contrato, providenciou a doutrina necessária àqueles que controlavam o sistema económico. Foi livremente empregue pelos tribunais ao declarar como inconstitucional a legislação que limitasse essa liberdade. As ideias de Locke consagradas na Declaração de Independência foram convenientes às nossas condições pioneiras que deram às pessoas a oportunidade de esculpir as suas próprias carreiras (DEWEY, 2008b, pp. 15-16 <sup>31</sup>).

Aqui Dewey considerou como *primeira*, no que concerne à prática, uma “filosofia da liberdade de indivíduos”, descurando as circunstâncias anteriores e independentes dos mesmos, não somente políticas, que a propiciaram. Dewey destacara tão-só como a “filosofia da liberdade de indivíduos”, em particular, fora reapropriada.

Neste sentido, o autor também destacaria aquilo que amiúde tratou como “inteligência” (não esquecer os seus famosos textos onde exorta a uma espécie de “primado da educação” <sup>32</sup>), como meio para a superação das dificuldades sociais, ora, serão as decisões e confluências políticas a determinar o rumo a seguir. Segundo avançou:

O liberalismo tem de se reunir em conjunto para formular os fins [*ends*] a que se dedica em termos de meios [*means*] que sejam relevantes para a situação contemporânea. A única forma de suportar a organização social que agora é possível é aquela em que as novas forças de produtividade são cooperativamente controladas e usadas no interesse da liberdade efetiva e do desenvolvimento cultural dos indivíduos que constituem a sociedade. Tal ordem social não pode ser estabelecida por uma convergência não planeada e externa das ações de indivíduos separados, cada um dos quais apostados em vantagens privadas pessoais. [...] Os fins podem agora ser alcançados *apenas* por inversão dos meios com os quais o liberalismo anterior estava comprometido. *O planeamento social organizado, posto em prática para a criação de uma ordem* na qual a indústria e as finanças sejam socialmente dirigidas em nome de instituições que fornecem a base material para a libertação cultural e o crescimento dos indivíduos, é agora o único método de ação social pelo qual o liberalismo pode realizar os seus objetivos declarados. *Um tal planeamento exige por sua vez, uma nova conceção e lógica da inteligência livre [a new conception and logic of freed intelligence] como força social (grifos nossos, DEWEY, 2008b, pp. 39-40 <sup>33</sup>).*

<sup>31</sup> «United States were predominantly agrarian. As they became industrialized, the philosophy of liberty of individuals, expressed especially in freedom of contract, provided the doctrine needed by those who controlled the economic system. It was freely employed by the courts in declaring unconstitutional legislation that limited this freedom. The ideas of Locke embodied in the Declaration of Independence were congenial to our pioneer conditions that gave individuals the opportunity to carve their own careers».

<sup>32</sup> Para o delineamento de semelhante proposta, vejam-se os seus *Democracy and Education* (1916) e *Experience and Education* (1938), (cf. DEWEY, 1955; 1997, respetivamente).

<sup>33</sup> «Liberalism has to gather itself together to formulate the ends to which it is devoted in terms of means that are relevant to the contemporary situation. The only form of enduring social organization that is now possible is one in which the new forces of productivity are cooperatively controlled and used in the interest of the effective liberty and the cultural development of the individuals that constitute society. Such a social order cannot be established by an unplanned and external convergence of the actions of separate individuals, each of whom is bent on personal private advantage. [...] The ends can now be

Novamente é posta de parte a “consciência de classe”. Com isto, descuram-se as condições económicas que conduziram ao antagonismo entre classes e à consciência deste, em favor de uma “inteligência” (pretensamente coletiva). Não basta, como enunciado, defender um “planeamento social organizado” (que tipo de planificação estaria em causa?).

Ao invés, para Marx com a “socialização do trabalho” (*Vergesellschaftung der Arbeit*) – o aumento do número de trabalhadores em detrimento de uns poucos que privadamente lucram com isso – aumenta a classe dos trabalhadores, na mesma medida em que podem ou não ganhar maior consciência da sua exploração<sup>34</sup>. Ou seja, tanto a “luta de classes”, como os “trabalhadores”, não poderiam tornar-se um qualquer “lema” ou uma “profissão de fé” mesmo que a consciência subjetiva de cada um e da restante sociedade não se revise em tal, desde que as mesmas circunstâncias se mantivessem<sup>35</sup>.

---

achieved *only* by reversal of the means to which early liberalism was committed. Organized social planning, put into effect for the creation of an order in which industry and finance are socially directed in behalf of institutions that provide the material basis for the cultural liberation and growth of individuals, is now the sole method of social action by which liberalism can realize its professed aims. Such planning demands in turn a new conception and logic of freed intelligence as a social force».

<sup>34</sup> Buscando apoio na *magnum opus* de Marx – *Das Kapital* (1867) –, veja-se: «Com a diminuição constante do número de magnatas do capital, os quais usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, aumenta a extensão da miséria, da opressão, da servidão, da degeneração, da exploração, mas também a revolta da classe trabalhadora [*Arbeiterklasse*], sempre numerosa, educada, unida e organizada pelo próprio mecanismo do processo de produção capitalista. O monopólio do capital torna-se um entrave para o modo de produção que floresceu com ele e sob ele. A centralização dos meios de produção [*Produktionsmittel*] e a socialização do trabalho [*Vergesellschaftung der Arbeit*] atingem um ponto em que se tornam incompatíveis com o seu invólucro capitalista [*kapitalistischen Hülle*].» - «Mit der beständig abnehmenden Zahl der Kapitalmagnaten, welche alle Vorteile dieses Umwandlungsprozesses usurpieren und monopolisieren, wächst die Masse des Elends, des Drucks, der Knechtschaft, der Entartung, der Ausbeutung, aber auch die Empörung der stets anschwellenden und durch den Mechanismus des kapitalistischen Produktionsprozesses selbst geschulten, vereinten und organisierten Arbeiterklasse. Das Kapitalmonopol wird zur Fessel der Produktionsweise, die mit und unter ihm aufgeblüht ist. Die Zentralisation der Produktionsmittel und die Vergesellschaftung der Arbeit erreichen einen Punkt, wo sie unverträglich werden mit ihrer kapitalistischen Hülle» (MARX, 1962, pp. 790-791).

<sup>35</sup> Sid Okun (1912-1986) realçou precisamente a ideia de que quer se faça ou não “experiência” de algo, não quer dizer que esse algo passe a existir por causa disso ou que deixe de existir, e que no caso dos pragmatistas, Dewey em particular, não é assim tão claro: «Esta ênfase sobre se uma coisa funciona ou não, em testes práticos, sobre o *Princípio da prova*, é a espinha dorsal da teoria do conhecimento de Dewey. Uma coisa é verdade, de acordo com Dewey, *se no fim* atende ao teste do experimento. Não. Pelo contrário, o experimento *verifica* meramente a verdade de um fenómeno. A verdade e a realidade são algo separado e à parte de nós. Elas existem quer nós façamos ou não experimento delas.» - «This emphasis on whether a thing works or not, on practical test, on the *Principle of Proof*, is the backbone of Dewey's theory of knowledge. A thing is true, according to Dewey, if *at last* it meets the test of experiment. No. On the contrary, experiment merely *verifies* the truth of a phenomena. Truth and reality are something separate and apart from us. They exist whether we do or do not experiment upon them» (1942, p. 7).

Pode ser reiterado que em Marx não haveria lugar a um “primado da política”, quando muito a um “primado da economia” (não determinista, nem mecanicista e ainda menos arbitrariamente “escolhido” pelo autor).

Por conseguinte, a democracia não poderia assomar como um “fim em si”, antes, seria sempre parte de algo mais e parte de um desenvolvimento real, tal como qualquer “gradualismo” se tornava incompatível com a revolução – *superação* do estado de coisas vigente assente na propriedade privada dos meios de produção. Embora não queira significar que não pudesse haver qualquer tipo de gradualismo dentro de um âmbito revolucionário ou até pós-revolucionário (porém, sempre *transformando* as circunstâncias). Confirma Marx:

A Comuna tornou realidade o lema [*catchword*] das revoluções burguesas, o governo barato, ao destruir as duas maiores fontes de gastos – o exército permanente e o funcionalismo estatal. [...] [A Comuna] dotou a República de uma base de instituições realmente democráticas. Mas nem o governo barato nem a “verdadeira República” eram a sua finalidade última [*ultimate aim*]; eles eram apenas a sua concomitância. [...] Eis o verdadeiro segredo da Comuna: *era essencialmente um governo da classe operária, o produto da luta da classe produtora contra a classe apropriadora, a forma política enfim descoberta para se levar a efeito a emancipação económica do trabalho* (grifo nosso, MARX, 1980, pp. 74-75<sup>36</sup>).

Portanto, qualquer sentido político não poderia deixar de ter nas relações económicas e na transformação destas a circunstância determinante e fundamental para a conquista e o desenvolvimento dos seus próprios objetivos, mesmo que aos indivíduos parecesse, nos mais diversos momentos, “não-realizável”.

É suficientemente assertivo aquilo que Marx diz a Kugelmann em mais uma das suas cartas escritas à época da Comuna (17 de abril de 1871): «A história mundial [*Weltgeschichte*] seria, sem dúvida, feita de modo muito confortável se a luta fosse travada apenas sob perspetivas infalivelmente favoráveis» (MARX, 1976b, p. 209<sup>37</sup>).

O que malogra qualquer “combinação” com o pragmatismo, não porque os pragmatistas, Dewey em particular, julguem apenas dever “experimentar” o que aos indivíduos assoma “infalível” (por exemplo, gradual e pretensamente justificado), mas

---

<sup>36</sup> «The Commune made that catchword of bourgeois revolutions, cheap government, a reality, by destroying the two greatest sources of expenditure – the standing army and State functionarism. [...] It supplied the Republic with the basis of really democratic institutions. But neither cheap government nor the “true Republic” was its ultimate aim; they were its mere concomitants. [...] Its true secret was this. It was essentially a working-class government, the produce of the struggle. If the producing against the appropriating class, the political form at last discovered under which to work out the economical emancipation of Labour».

<sup>37</sup> «Die Weltgeschichte wäre allerdings sehr bequem zu machen, wenn der Kampf nur unter der Bedingung unfehlbar günstiger Chancen aufgenommen würde».

porque as circunstâncias onde os indivíduos se relacionam e com estes se relacionam vão além daquelas que podem ser imediatamente “experimentadas” com maior ou menor acerto pelos próprios indivíduos. Está em causa a objetividade do real (desenvolvimento da luta de classes, etc). e não uma perspectiva subjetiva ou de consenso entre sujeitos.

A revolução (mesmo que iminente ou não) nem sempre parece ser o que é mais provável vir a realizar-se, *eppur si muove*.

### **A “irrecuperabilidade” de Marx nos supostos manicasianos**

Dada a confirmação de um “sentido revolucionário” em Marx, presente no seu “folheto”, e o “malogro” de uma “combinação” com Dewey, torna-se importante clarificar os *supostos* pelos quais Manicas se conduziu e o guiaram conseqüentemente a um esbatimento geral das teses daquele com vista à tal “recuperação-combinação”.

O autor começou o seu artigo por circunscrever o que filosoficamente iria permear as suas considerações, fê-lo nos seguintes supostos – “Deus está morto”, a “natureza humana não tem conteúdo” (*content*) e “a história não tem sentido” (*meaningless*)... (cf. MANICAS, 2008, p. 211) –, assumindo que não há qualquer “fundamento” para as relações humanas. Manicas também refere que enquanto “liberal” o *antifundacionalismo* pós-modernista é apelativo, ainda que tendencialmente contrarrevolucionário.

Contudo, segundo o próprio autor, o problema estaria mal formulado, este não estaria na falta de uma “base” para a solidariedade mas na criação social de uma (cf. MANICAS, 2008, p. 212). Daí que assevere:

[...] o problema da política moderna é menos a falta de “fundamentos” e mais a ausência de uma política genuinamente democrática, uma política que vise a criação de comunidades pela participação ativa de indivíduos interdependentes, uma política em que os “interesses” se tornem bens compartilhados [*shared goods*], uma política que insista em que a verdade só pode ser a nossa verdade (MANICAS, 2008, p. 212<sup>38</sup>).

Ou seja, a perspectiva de um “primado da política” anunciava-se desde logo tendo em conta o possível consenso de uma comunidade de indivíduos (considerados “interdependentes”) em torno de uma “verdade”, ainda que não dita desta maneira,

---

<sup>38</sup> «[...] the problem of modern politics is less the lack of “foundations” and more the absence of a genuinely democratic politics, a politics which aims at the creation of communities by the active participation of interdependent individuals, a politics in which “interests” become shared goods, a politics which insists that truth can only be our truth».

seguramente “intersubjetiva” (ora, “negociada” entre todos). É indiscutível, como admite, que os seus supostos seguem a “tradição” pós-moderna <sup>39</sup>.

Manicas também assume um outro suposto para as suas considerações em relação a Marx e à Comuna de Paris. Se o autor rejeita qualquer “fundamento”, diz, trata-se de criar uma “base”. Aqui, o que está a mais para um pós-modernista dá lugar a um pragmatismo como superação da falta de um sentido comum. Não esqueçamos que esta é a principal “vantagem” que o autor encontra em Dewey.

É consabido que para a doutrina pragmatista, mesmo que em sentido lato, *aquilo que é, é* geralmente dado para um indivíduo que na sua experiência (prática) viu o seu “projeto” (*project*) “funcionar” (*work*) – “realizar-se” <sup>40</sup>.

Para o pragmatismo aquilo que se deve “realizar” *é* o que *é* “realizável”, aquilo que no seguimento das experiências anteriores parece ter logrado melhores “resultados” (se se experimentou *é* porque *é*...). O problema central será definir quais os limites do “realizável”.

Deste modo, Manicas considera que em Marx também havia lugar a um “gradualismo”, “uma política que visasse compreender o que *é* ao tempo realizável”, imputando a Marx uma toada pragmatista, reconduzindo-o ao pretensamente “realizável”.

O autor considera as intenções de Marx adequadas a uma perspetiva de “compromisso” entre classes antagónicas: “o melhor que se poderia esperar [para a Comuna] ... era o melhor compromisso possível consistente com a continuação da existência do Estado francês”, tão-somente porque este teria dado provas de “resultar” em variadíssimos aspetos, quando mais não seja porque estava *aí, dado*. O autor acaba

---

<sup>39</sup> Embora tenhamos de ignorar quilómetros de páginas escritas acerca de Marx por tantos e ilustríssimos epígonos desta corrente de pensamento, tendo em conta o exíguo espaço reservado para o efeito destas “notas”, veja-se, para exemplo de alguns pós-modernistas e as suas considerações, o essencial da terceira parte de CAHOONE, 2000, pp. 274-710 *passim*.

<sup>40</sup> Como podemos encontrar em alguns dos textos mais marcantes do próprio Dewey, por exemplo, em *Reconstruction in Philosophy* (1920), também referido por Manicas: «*Se as ideias, os significados, os conceitos, as noções, as teorias, [e] os sistemas são instrumentais [instrumental] para uma reorganização ativa do ambiente dado [given environment], para uma remoção de alguns problemas e perplexidades específicos, então, o teste da sua validade e valor reside no cumprimento deste funcionamento [work]. Se tiverem sucesso na sua função, elas são fiáveis, soam [como] válidas, boas, verdadeiras. [...] A confirmação, corroboração, verificação [verification] reside em funcionamentos [works], consequências. [...] Aquilo que nos orienta verdadeiramente é uma verdadeira capacidade demonstrada para tal orientação, é precisamente o que se entende por verdade [truth].*» - «*If ideas, meanings, conceptions, notions, theories, systems are instrumental to an active reorganization of the given environment, to a removal of some specific trouble and perplexity, then the test of their validity and value lies in accomplishing this work. If they succeed in their office, they are reliable, sound, valid, good, true. [...] Confirmation, corroboration, verification lie in works, consequences. [...] That which guides us truly is true demonstrated capacity for such guidance is precisely what is meant by truth*» (p. 156).

por arrumar a “revolução” na categoria dos “não-realizáveis” ao referir acerca da ideia de democracia de Marx: “ideias que permanecem por realizar...”<sup>41</sup>.

Portanto, o pragmatismo assomaria como suposto possibilitador de uma “base” para a comunidade na medida em que os indivíduos procurariam “comprometer-se” com o “realizável”, contornando assim a falta de “bases” e qualquer tipo de “conflito” (este, já descartado por Manicas na esteira de Dewey).

O autor ao dizer que o “problema” está mal formulado, de que não se trata de saber se há ou não um “fundamento” para a “solidariedade” ou “comunidade”, mas que se trata de criar as condições para uma, secundariza as circunstâncias de base onde os indivíduos se encontram, visto que a possibilidade de criação de uma sociedade “solidária” ou “comunal” não estaria exclusiva e primeiramente circunscrita à “vontade” (política) dos indivíduos, à sua “diplomacia”, à sua “inteligência”, nem à sua capacidade “projetiva”.

Ao invés, para Marx a possibilidade de uma outra comunidade encontrava-se nas próprias *condições materiais e reais de vida* dos indivíduos que atuam sobre estes ao mesmo tempo que estes, mas num sentido posterior e sempre em desenvolvimento dialético com aquelas, atuam sobre elas (cf. MARX-ENGELS, 1978, pp. 21-26). O “estado de alienação pública”, recôndito privado, que Manicas diz dever ser superado, apenas pôde mitigar-se ou até ser ultrapassado, precisamente pela transformação das circunstâncias económicas. Estas empurraram os trabalhadores para uma maior socialização por via da “socialização da produção”.

Estas serão as condições fundamentais onde se relacionam os indivíduos, como aponta Marx: «O solo de onde brota a nossa Associação [Internacional dos Trabalhadores] é a própria sociedade moderna» (MARX, 1980, p. 97<sup>42</sup>), e esta

---

<sup>41</sup> Como Okun assinala, para Dewey o “comunismo” nunca havia sido testado ao contrário do “capitalismo” que teria dado algumas “provas”: «Na base de Dewey podemos argumentar – e Dewey fá-lo – que o comunismo nunca foi testado [*tested*] e nunca foi experienciado [*experienced*]; por conseguinte, não é corrigido [*corrected*], pelo menos, não é corrigido ainda. O capitalismo, por outro lado, “com todas as suas imperfeições” tem funcionado [*worked*], foi testado no cadinho da história. É uma melhoria definitiva sobre o sistema que o precedeu – o Feudalismo. Com base nos “testes” mecânicos de Dewey a conclusão é inevitável – nós devemos remendar [*patch up*] o capitalismo, em vez de avançar para o comunismo.» - «On Dewey’s basis we may argue – and Dewey does – that Communism has never been tested and has never been experienced; therefore, it is not corrected, at least not correct yet. Capitalism, on the other hand, “with all its imperfections” has worked, has been tested in the crucible of history. It is a definitive improvement over the system that preceded it – Feudalism. On the basis of Dewey’s mechanical “tests” the conclusion is inescapable – we must patch up Capitalism, rather than go over to Communism» (OKUN, 1942, pp. 7-8). É na base de um possível compromisso com tal “remendo” onde se pode encontrar a justificação do “gradualismo” defendido.

<sup>42</sup> «The soil out of which it grows is modern society itself».

sociedade moderna não é dada no “vazio”, no “nada”, no “ar”, pelo contrário, é parte do desenvolvimento *material de vida*, desenvolvendo-se com e sem intervenção humana.

Se no *desenvolvimento real, material*, destaca-se a economia como base das relações humanas, como referido, não por “escolha” de Marx, nem por estas serem exclusivamente “económicas” ou daí se seguirem mecanicamente, mas porque o ser humano tem de produzir as suas *condições de vida* (cf. MARX-ENGELS, 1978, p. 20), então, terão de ser tidas em conta as classes pelas quais a sociedade se divide e organiza. Ao contrário do entendimento de Dewey, bem como de Manicas, que as parece preferir como uma “abstração”.

As classes darão o mote às convulsões que na sociedade se deflagram. É por isso que Otto von Bismark (1815-1898), Primeiro-Ministro prussiano, acabou por apoiar os “versalheses”, ambos defendiam os mesmos interesses de classe (burgueses), mesmo que de nações diferentes. É por isso que a Comuna teria traído os seus ideais (e as suas práticas) se intentasse algum “compromisso” sem antes procurar alterar a sua capacidade “negocial”, as suas circunstâncias. Marx assertava:

Enquanto o governo de Versalhes, tão logo recuperou algum ânimo e forças, usou contra a Comuna os meios mais violentos; enquanto reprimia a livre expressão de opinião por toda a França, chegando à proibição de reuniões de delegados das grandes cidades; enquanto submetia Versalhes e o resto da França a uma espionagem que ultrapassava em muito aquela do Segundo Império; enquanto queimava por meio dos seus gendarmes inquisidores todos os jornais impressos em Paris e violava toda a correspondência que partia ou chegava à capital; enquanto na Assembleia Nacional as mais tímidas tentativas de balbuciar uma palavra em favor de Paris eram esmagadas por uma avalanche de vaias inédita até mesmo na *Chambre introuvable* de 1816; enfim, enquanto fora enfrentava uma guerra selvagem dos versalheses, e dentro as suas tentativas de corrupção e conspiração de Paris – não teria a Comuna traído vergonhosamente a sua confiança se aparentasse conservar todos os decoros e aparências de liberalismo [*affecting to keep up all the decencies and appearances of liberalism*], como se estivesse num tempo de profunda paz? Se o governo da Comuna se assemelhasse ao do senhor Thiers, não teria havido mais motivos para suprimir os jornais do Partido da Ordem em Paris do que para suprimir os jornais da Comuna em Versalhes (MARX, 1980, pp. 80-81<sup>43</sup>).

<sup>43</sup> «While the Versailles Government, as soon as it had recovered some spirit and strength, used the most violent means against the Commune; while it put down the free expression of opinion all over France, even to the forbidding of meetings of delegates from the large towns; while it subjected Versailles and the rest of France to an espionage far surpassing that of the Second Empire; while it burned by its gendarme inquisitors all papers printed at Paris, and sifted all correspondence from and to Paris; while in the National Assembly the most timid attempts to put in a word for Paris were howled down in a manner unknown even to the *Chambre introuvable* of 1816; with the savage warfare of Versailles outside, and its attempts at corruption and conspiracy inside Paris – would the Commune not have shamefully betrayed its trust by affecting to keep up all the decencies and appearances of liberalism as in a time of profound peace? Had the Government of the Commune been akin to that of M. Thiers, there would have been no more occasion to suppress Party-of-Order papers at Paris than there was to suppress Communal papers at Versailles».

Quer dizer, para Marx não se pode dar conta de uma “política melhor”, mais “democrática”, “projetando” gradualmente (em jeito pragmatista), uma vez que tal secundariza as *circunstâncias reais materiais*, também *fundamentais*, onde se inserem os indivíduos, mesmo no que concerne ao próprio moldar ou refletir de uma qualquer “projeção”. Pois, esta não se pode dar sem ter em conta a economia onde assentam as relações sociais e, por estas, assente. Por conseguinte, não se podem ignorar as relações de classe que antagonizavam os *communards* e os “versalheses”.

Daí que a Comuna enquanto “governo da classe operária” seja “a forma política enfim descoberta para se levar a efeito a emancipação económica do trabalho”, porque começava precisamente pelo *basilar*, pelas relações económicas (o seu “maior erro” foi quando as descurou...).

Marx, de acordo com as considerações manicasianas, será “irrecuperável”.

### **Notas finais: uma outra “recuperação”**

Antes de mais, pode ser reiterado resumidamente que uma “recuperação” e uma “combinação” como a considerada por Manicas não poderia lograr o sucesso almejado por este, uma vez que (invertendo a ordem da exposição):

por um lado, o autor as conduziu com base em supostos *pós-modernistas*, alheios a qualquer tipo de “fundamento”, mesmo a partir das *condições materiais e reais de vida* dos indivíduos; bem como com base em supostos pragmatistas, alheios, precisamente, àquelas *condições materiais e reais de vida* e quanto à sua determinação (não exclusiva, nem mecanicista) dos “projetos” dos indivíduos;

por outro lado, e tendo em conta tais supostos, o autor assumiu um “primado da política”, tanto pelo sentido que veio a considerar de uma “democracia como (meio, mas essencialmente) fim em si” – defendendo o que parecesse garantir alguma continuidade com o *dado*, que parecesse “resultar”, colocando os objetivos políticos naquilo que parecesse ser o mais adequado à “experiência” de cada indivíduo –, assumindo assim um “gradualismo” para a sua concretização; como pelo evidente sentido de uma secundarização do desenvolvimento económico.

Quando, para Marx, as *condições materiais e reais de vida*, entre as quais os indivíduos produzem o seu viver, são o *fundamento real* das relações sociais. Em sentido marxista nunca se poderá descurar a *base real* onde as relações dos indivíduos se desenvolvem e produzem o seu viver (“sentido mínimo” para a economia), nem

perder de vista o *sentido revolucionário*, mesmo que em “democracia liberal” ou em “agitação pacífica”, porquanto existem diversos “aspectos particulares do problema”<sup>44</sup>.

Donde fica excluída uma “democracia como fim em si”, a Revolução não se pode ficar apenas por algumas conquistas políticas tendencialmente formais, que ficam bem escritas no papel, para consagração em âmbito público.

Embora, nada disto queira dizer que não haja possibilidade de algum tipo de “gradualismo” nas teses de Marx, no entanto, não do tipo manicasiano. Pois ter-se-á sempre que proceder, seja pela via eleitoral ou não, à *superação das contradições* existentes que mantêm a exploração de uma classe sobre outra.

Portanto, qualquer tipo de “gradualismo” em sentido marxista apenas poderá assomar já sempre dentro da própria Revolução ou na consonante transformação das circunstâncias e consciências, isto é, em avanços *graduais* das conquistas dos trabalhadores a partir de circunstâncias económicas *revolucionariamente transformadas*.

As teses de Marx não serão “combináveis” com um “primado da política”, este descarta as circunstâncias de onde brotam precisamente as relações e os compromissos políticos. Senão, observem-se os exemplos que foram dados: os *communards* ficaram à porta do Banco de França, quantos avanços “graduais” não poderiam ter levado a cabo se o tivessem tomado em seu poder? Ou, o verdadeiro *compromisso*, assumido entre Thiers e Bismarck, representantes da mesma classe, contra a Comuna, para o caso poderia haver maior exemplo de “luta (bem como consciência) de classe (burguesa)” quanto a estes, bem como em relação à não traição da classe trabalhadora pelos *communards*?<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> «Em cada parte do mundo, apresenta-se um aspeto particular do problema [*special aspect of the problem*], e os trabalhadores locais tratam desse aspeto à sua própria maneira. As uniões de trabalhadores não podem ser absolutamente idênticas, em seus mínimos detalhes, em Newcastle e em Barcelona, em Londres e em Berlim. Em Inglaterra, por exemplo, a maneira de apresentar o poder político está aberta à classe trabalhadora. A insurreição seria uma loucura, enquanto a agitação pacífica serviria aos fins de modo mais rápido e certo. Em França, uma centena de leis de repressão e um antagonismo mortal entre as classes parecem necessitar de uma solução violenta da guerra social. A escolha dessa solução é um assunto das classes trabalhadoras daquele país.» - «In each part of the world some special aspect of the problem presents itself, and the workmen there address themselves to its consideration in their own way. Combinations among workmen cannot be absolutely identical in detail in Newcastle and in Barcelona, in London and in Berlin. In England, for instance, the way to show political power lies open to the working class. Insurrection would be madness where peaceful agitation would more swiftly and surely do the work. In France a hundred laws of repression and a mortal antagonism between classes seem to necessitate the violent solution of social war. The choice of that solution is the affair of the working classes of that country» (MARX, 1986, p. 602).

<sup>45</sup> A ideia de que há uma “luta de classes” e de que, com efeito, há uma “consciência de classe” não é exclusiva de Marx e Engels, antes deles já haviam sido delineados certos contornos da mesma, mas em favor da burguesia, pelo historiador e político francês François Guizot (1787-1874), por exemplo, em

É por isso que a “luta de classes” não é uma “guerra aberta” ou alguma instigação à violência gratuita, mas, de facto, expressão das *relações reais*, económica e historicamente assentes.

Ora, a prática para Manicas vai assumir uma toada subjetivista (mesmo que insinuada como intersubjetiva, pois é subjetivo coletivamente anuído), reconduzindo uma “verdade” (a pretensa realidade...) a “nossa” verdade, esse o móbil da prática. Acaba por secundarizar o sistema económico e como o seu desenvolvimento histórico determina historicamente os indivíduos e os seus anseios de classe. Descura, por isso, a *base material* onde a prática se desenvolve.

É caso para dizer que August Thalheimer (1884-1948) apenas pôde expressar que «[...] simplesmente acrescento que o americano, John Dewey, é um pouco menos ardiloso [*artful*] do que estes pragmatistas [James, etc.], mas não há diferença fundamental entre ele e os outros» (THALHEIMER, 1935<sup>46</sup>), porque se encontrava em 1927 (apesar deste texto somente ter sido publicado quase uma década mais tarde) e não podia então prever que este americano seria o “provocador” (talvez involuntário...) de quase um século de malogradas e semelhantes “combinações” entre si e o marxismo no geral (mesmo já existindo algumas residuais tentativas de combinação anteriores).

Em suma, em jeito de “notas finais” com vista a uma outra “recuperação” de Marx, ainda que de carácter provisório e circunscrito, cremos bastar advertir, ainda que possa soar a trivial, de que não será preciso mais do que procurar compreender os seus textos sem procurar fazê-lo adequar-se a programas políticos e/ou filosóficos que lhe sejam definitivamente alheios (ou mesmo até àqueles que não sejam assim tão alheios).

Aqui terminaríamos, deixando a Marx ilustrá-lo da melhor maneira com uma passagem sumamente ignorada por Manicas (entre outros):

[De] uma coisa podes [Domela-Nieuwenhuis], de qualquer modo, ter certeza: um governo socialista não vem ao poder num país a menos que as condições estejam tão desenvolvidas que possa acima de tudo tomar as medidas necessárias para *caçar* [*jagen*] a massa da burguesia o suficiente para ganhar tempo – o primeiro desiderato (necessário) – para a ação duradoura [*nachhaltige Aktion*] (*grifo nosso*, MARX, 1967, p. 160<sup>47</sup>).

---

*Histoire générale de la civilisation en Europe* (1828), (cf. 1840, p. 218). Thiers e Bismarck são exemplo de um compromisso de classe, entre burguesias de diferentes nações.

<sup>46</sup> «I will simply add that the American, John Dewey, is a bit more artful than these other pragmatists, but that there is no fundamental difference between him and the others».

<sup>47</sup> «Auf eins können Sie sich verlassen, eine sozialistische Regierung kommt nicht ans Ruder eines Landes ohne so entwickelte Zustände, daß sie vor allem die nötigen Maßregeln ergreifen kann, um die Bourgeoismasse so ins Bockshorn zu jagen, daß das erste desideratum – Zeit für nachhaltige Aktion – gewonnen wird».

## Referências

- CAHOONE, Lawrence E. *From Modernism to Postmodernism: An Anthology*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2000.
- DEWEY, John. *Democracy and Education: An introduction to the philosophy of education*. New York: The McMillan Company, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Experience and Education*. New York: Touchstone, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Individualism, Old and New*. In: DEWEY, John. *The Later Works, 1925-1953, vol. 5: 1929-1930*. BOYDSTON, Jo Ann (Ed).. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2008a, pp. 41-124.
- \_\_\_\_\_. *Liberalism and Social Action*. In: DEWEY, John. *The Later Works, 1925-1953, vol. 11: 1935-1937*. BOYDSTON, Jo Ann (Ed).. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2008b, pp. 1-66.
- \_\_\_\_\_. *Reconstruction in Philosophy*. New York: Henry Holt and Company, 1920.
- ENGELS, Friedrich. *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats*. Marx-Engels Werke (Doravante: MEW). Berlin: Dietz Verlag, 1962, vol. 21, pp. 25-173.
- \_\_\_\_\_. *Einleitung [zu Karl Marx' „Bürgerkrieg in Frankreich“ (Ausgabe 1891)]*; MEW. 1977, vol. 22, pp. 188-199.
- GAVIN, William J. *Context over Foundation. Dewey and Marx*. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1988.
- GUIZOT, François. *Histoire générale de la civilisation en Europe. Depuis la Chute de l'Empire Romain Jusqu'a la Révolution Française*. 13.<sup>a</sup> Ed. Paris: Didier, Libraire-Éditeur, 1840.
- KUHN, Rick. *Henryk Grossman and the Recovery of Marxism*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2006.
- LAMONT, Corliss. “John Dewey, Marxism and the United Front”. Review and Comment. *The New Masses*. March 3, 1936, pp. 22-23.
- LEITER, Brian. “The Hermeneutics of Suspicion: Recovering Marx, Nietzsche, and Freud”. In: LEITER, Brian (Ed).. *The Future for Philosophy*. Oxford: Clarendon Press, 2004, pp. 74-105.
- LIVERGOOD, Norman. D. *Activity in Marx's Philosophy*. The Hague, Netherlands: Marlinus Nijhoff, 1967.
- MANICAS, Peter. *Peter Manicas's Homepage - University of Hawaii*. Disponível em: <<http://www2.hawaii.edu/~manicas/Personal.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. “John Dewey: Anarchism and the Political State”. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, vol. XVIII, n. 2. pp. 133-159, 1982.

\_\_\_\_\_. “Philosophy and Politics: A Historical Approach to Marx and Dewey”. In: GAVIN, William. (ed). *Context over Foundation. Dewey and Marx*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1988, pp. 147-175.

\_\_\_\_\_. *Rescuing Dewey: Essays in Pragmatic Naturalism*. Lanham, Maryland: Rowman and Littlefield, 2008.

MARX, Karl-ENGELS, Friedrich. *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*. MEW. 1978, vol. 3, pp. 9-530.

\_\_\_\_\_. *On the Paris Commune*. Third printing. Moscow: Progress Publishers, 1980.

MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. Seleção de textos, tradução e notas: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. *Brief an Ferdinand Domela Nieuwenhuis in Den Haag*, 22. Februar 1881. MEW. 1967, vol. 35, pp. 159-161.

\_\_\_\_\_. *Brief an Ludwig Kugelmann in Hannover*; London, 12. April 1871. MEW. 1976a, vol. 33, pp. 205-206.

\_\_\_\_\_. *Brief an Ludwig Kugelmann in Hannover*; London, 17. April 1871. MEW. 1976b, vol. 33, p. 209.

\_\_\_\_\_. *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*. (Erster Band. Buch I: Der Produktionsprozeß des Kapitals). MEW. 1962, vol. 23.

\_\_\_\_\_. *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*. MEW. 1960, vol. 8, pp. 111-207.

\_\_\_\_\_. *Lohnarbeit und Kapital*. MEW. 1961, vol. 6, pp. 397-423.

\_\_\_\_\_. *O Capital. Crítica da Economia Política*. (Livro Primeiro: O Processo de Produção do Capital. Tomo 2). Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. “Record of Marx’s Interview with *The World Correspondent*”; Marx-Engels Collected Works. New York-Moscow: International Publishers-Progress Publishers, 1986, vol. 22, pp. 600-606.

\_\_\_\_\_. *The Civil War in France; On the Paris Commune*. Moscow: Progress Publishers, 1980, pp. 21-101.

MERRIMAN, John M. *Massacre: the life and death of the Paris Commune of 1871*. New Haven and London: Yale University Press, 2014.

OKUN, Sidney. *John Dewey. A Marxian Critique*. Chicago, Illinois: Revolutionary Workers, League U.S., 1942.

PAOLUCCI, Paul. *Marx's Scientific Dialectics: A Methodological Treatise for a New Century*. Leiden: The Netherlands: Brill Academic Publishers, 2007.

POTTS, Nick. "Recovering Marx: Past and Present". *Critique: Journal of Socialist Theory*, vol. 37, n. 3, pp. 483-488, 2009.

ROCKMORE, Tom. *Marx After Marxism. The Philosophy of Karl Marx*. Oxford: Blackwell, 2002.

SAWAN, Joseph E. "Recovering Marx's Theory of Alienation: Theoretical Considerations from a Case Study with Community Activists in Scarborough, Ontario". *Just Labour: A Canadian Journal of Work and Society* – vol. 17 & 18, pp. 139-154, 2011.

THALHEIMER, August. "Pragmatism". In: THALHEIMER, August. *Introduction to Historical Materialism. The Marxist World View*. New York: Covici Friede, 1935. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/thalheimer/works/diamat/16.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

TOLMAN, Charles W.; PIEKKOLA, Brad. "John Dewey and Dialectical Materialism: Anticipations of Activity Theory in the Critique of the Reflex Arc Concept". *Activity Theory*, 1989, 1, n. 3/4, pp. 43-46. Disponível em: <<http://lhc.ucsd.edu/mca/Paper/leontev/activity/tolman.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

**Resumo:**

O artigo trata de uma "recuperação", de caráter provisório e circunscrito, de Karl Marx em torno a algumas considerações de Peter Manicas aventadas no seu artigo – "Philosophy and Politics: A Historical Approach to Marx and Dewey" –, onde este autor procurou "combinar" o autor alemão com John Dewey. Existem aspectos nas suas considerações que se entende dever distinguir e clarificar devidamente.

**Palavras-chave:** Comuna de Paris; Gradualismo; Revolução.

**Abstract:**

The paper is a temporary and circumscribed "recovery" of Karl Marx about some remarks of Peter Manicas that he suggested on his paper – "Philosophy and Politics: A Historical Approach to Marx and Dewey" –, in which this author sought to "combine" the German author and John Dewey. There are aspects in manicasian remarks which is meant to distinguish and clarify properly.

**Keywords:** Paris Commune; Gradualism; Revolution.